



Gaiato

10 DE NOVEMBRO DE 1973
ANO XXX — N.º 774 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



A Escola da nossa Casa do Gaiato de Lourenço Marques.



Uma Carta

«**C**OMO nos demais anos, é em Agosto que costumo refrescar-me com algumas leituras, começando com um livro do Padre Américo, neste caso «Viagens», último que recebi. Simplesmente, no ano passado fi-lo sôfregamente em três dias e agora demorou dois meses, não deixando, porém, de me acompanhar nos 15 dias que andei por França.

Não posso calar a funda impressão que a leitura do Pe. Américo nos deixa e é dela que vou desabafar, confessando quanto nela tenho aprendido e quanto nela vejo de actualidade, talvez porque, como espelho do Evangelho, não envelhece.

Neste encantador livro «Viagens», Pai Américo revela-se um repórter de primeira água, um observador atento, um retratista exímio — um artista, em suma, de pequenos frescos da vida, carregados de sobrenatural, cuja graça e espontaneidade se saboreiam como guloseima intelectual e espiritual.

Mais: respeita rigorosamente a verdade, é fidelíssimo no reproduzir das situações. Testemunho pessoalmente algumas das suas descrições — pelo que vi em África de 1955 a 1960, na Rodésia em 1960 e nos Açores e Madeira em 1969. É tal e qual como relata.

Que sentido prático e que partido tira do natural, impregnando tudo de sadia e viril espiritualidade. Até focando a necessidade de uma extravagância e o hábito de poupança, como coisas complementares. É humano e é profeta. E ensina-nos a sê-lo.

Outra ideia-mestra que nos penetra: o homem, como o maior valor do Mundo, tratado e afeiçoado nos termos do Evangelho. O calor humano e o sentido do outro. A seriedade em todo o proceder e a rectidão em todos os propósitos. O amor, que transborda, pelo próximo. E também as dificuldades com o próximo. A vida.

E, por último, a finura do Poeta, a delicadeza de Alma, o acume do Artista — que se revelam no eternecedor episódio com que praticamente fecha, a oiro, o relato das Viagens a África: no regresso, o humilde trabalhador a quem se dera casa digna e uns palmos de quintal, vem saudá-lo, agradecer-lhe, contar-lhe do jardim que projectou à porta da sala, da figueira à porta da cozinha, da flor linda que queria trazer e que a ovelha comeu, do desgosto deste «acidente», porque antes queria «que lhe dessem na cara». E tudo isto como moldura da lapidar apreciação de quem disse: «A Casa do Gaiato é hoje a única Obra séria em Portugal». Sublime. Uma oração.»

Aqui Lisboa

Por Padre Luiz

Diferentes na sua constituição física e psíquica, Homem e Mulher devem considerar-se num plano de complementaridade mútua, sem que qualquer dos sexos possa ou deva afirmar superioridade de alguma espécie. Um e outro completam-se, dando reciprocamente o que têm de específico e próprio, sem perigo de sobreposição ou de concorrência. De justo equilíbrio e recta visão das coisas resultará a felicidade ambicionada, que é preciso conquistar, aliás, num esforço sério e perseverante, como a dinâmica da vida exige.

Ainda é corrente a mentalidade de ver a Mulher como simples instrumento de prazer, além de mera criada para preparar a comida e a roupa ou de enfermeira ou de encosto para as horas de doença ou de velhice. Trata-se, é claro, duma visão egoísta, fundada no mais evidente materialismo, que deve ser combatida com todo o vigor, porque reveladora do maior desprezo pela dignidade do sexo feminino e do próprio Homem. Em uniões fundadas nesta base não são de esperar grandes êxitos.

A época em que vivemos, toda ela sensual e erótica, em que o valor da pureza e do respeito pelos outros parece quase não contar, leva a maioria dos Homens a pensar e a proceder, por outro lado, segundo uma dualidade de critérios abominável. Por uma parte as maio-

Cont. na TERCEIRA página

Estou longe de julgar esgotado o assunto do derradeiro Cantinho. É um tema tão palpitante e com tal projecção no futuro que não me parece demais reflecti-lo de novo.

Num mundo onde a Técnica impera; num tempo em que a especialização toca o risco de desumanizar — talvez por uma sã reacção da Natureza, o homem tem que estar preparado para fazer de tudo. A discriminação entre trabalhos nobres e sérios não será mais aceite. Claro que, em si mesmo, o labor do espírito que projecta é mais sublime do que o esforço muscular que executa. Mas, porque mais dotado o primeiro do que o segundo, tem maior possibilidade aquele de descer a este, do que subir este àquele. Quero dizer: Se o trabalhador manual não é capaz da tarefa criadora, a que apenas lhe compete dar corpo, já o criador da ideia tem maior capacidade de trabalhar na sua corporização.

Cantinho dos Rapazes

Não significa isto que não tenha cada qual o seu papel: um é especialista no pensar; o outro no realizar. Não significa que a ordem certa não esteja em cada qual se aplicar ao seu mister. Mas o facto de atravessarmos uma crise — que creio

transitória, de crescimento, uma crise que me parece mais de desmentalização do que de real falta de mão de obra — obriga o projectista a descer mais vezes ao nível da execução e estimula-o a procurar meios de a racionalizar, de a facilitar

Esta descida parece uma humilhação e, por certo, terá algo da sua espécie. Optimo!, porque sem humilhação não se faz o Humilde. O homem mais rico e valores de espírito, da experiência que condicionalismo presente lhe impõe, aprende a reconhecer a autenticidade do valores que executam o seu pensamento, quem ele talvez tenha olhado antes com sobrançeria. Aprende a reconhecer o valor do próximo e a considerar que a sua maior-valia (dom nato ou adquirido) inclui mais sobre a sua responsabilidade do que sobre os seus direitos. Aprende melhor

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

UMA VISITA — No dia 7 de Outubro recebemos os nossos amigos da Quinta do Anjo que, desde há muito, nos dão a sua festa uma vez por ano. Digo mesmo que estão na Quinta do Anjo alguns dos nossos melhores amigos.

A festa agradou-nos tanto! Foi tão rica que a malta ainda fala nela...

Também um grupo de Senhoras, da mesma povoação, fazem o sacrifício de vir cá coser-nos a roupa, todas as quintas-feiras. E nós, por isso, dedicamos-lhes uma amizade ilimitada. Os jovens desta terra marcam a sua presença, aliás já muito antiga, desde o início desta Casa. Devemos-lhes muito!

LAVOURA — Acabámos, recentemente, a apanha do tomate. Anteriormente foi a colheita da batata. Ficámos com a indispensável e vendemos a restante.

Presentemente estamos ocupados na labuta do arroz. É um serviço duro, bastante trabalhoso. A malta, porém, sabendo que é somente uma vez por ano, entusiasma-se...

PECUÁRIA — Quando seguia para os arrozais, vieram-me dizer que tinha nascido um bezerrito. Entusiasmado, fui ver. Era verdade! Um bezerrito, filho da vaquinha da minha grande estima; de tal maneira que, ao chamá-la, dá-me o seu afecto de animal irracional.

Actualmente, é o João Pechuta o responsável da vacaria e do resto da pecuária.

A vacaria dá-nos bastante lucro, em bezerras e leite, que vendemos — reservando o indispensável para a nossa Comunidade.

ANO LECTIVO — Temos 18 rapazes a estudar. Sete no Liceu, dois no Externato e nove na Escola Commercial.

Esperamos que o ano lectivo seja proveitoso, tanto para os da cidade como para os da Telescola, em nossa Casa, cujo Posto funciona há 5 anos, incluindo alunos de fora, rapazes e raparigas.

«BATATINHAS» — Como não podia deixar de ser, vou agora falar das nossas três belezas, ou melhor, dos três encantos da nossa Casa: o Modestito, o Amériquito e o Alvarito. Andam sempre juntos e para os separar é um sacrifício...!

Quando fui chefe da nossa colónia de férias, na praia, muitas pessoas, em barracas perto da nossa, pediam licença para o Modestito ir passar um bocadito a seu lado. Toda a gente os queria; cumulavam-nos de muito carinho.

Recordo-me, ainda, da vinda do Modestito! Era uma criança sem acção; nem tão pouco falava! Hoje, fala, salta, corre e sorri...

O Amériquito é mais alegre, mais activo. Ninguém diria que é filho duma prostituta. Quantos, por esse Portugal fora, nas mesmas condições!

O Alvarito, cujo encanto o Rogério já teve oportunidade de descrever em «O Gaiato», ainda é pouco desenvolvido. Esteve quase três anos metido numa cama sem nada fazer, mergulhado numa inércia total; ignorando a vida exterior!

Enfim, o trio tem origens diferentes, mas reacções muito idênticas...

Júlio Leandro

CALVÁRIO

OCUPAÇÕES — Sempre têm sido um dos grandes remédios para muitos males aqui no Calvário. Na ocasião em que vos escrevo estas linhas, muitas árvores estão a despir-se das roupagens que nos deliciaram com as suas sombras. Era reconfortante sentarmo-nos nos bancos de pedra que em redor de algumas árvores se encontram. E muito mais: em ver grupos de irmãos a gozarem a fresca.

Mais um Verão passou. E o Outono segue as leis da Natureza. Apercebem-se disso os que saboreiam momentos de ócio. E tem sido reconfortante ver o empenho com que o Edmaro, a coxear e com a lata e a vassoura, limpa e escolhe bolotas que caiem. Aparecem outros, a ajudá-lo. Falamos nesta ocupação como poderíamos falar noutros aspectos. Mas não vale a pena...

E se a Gracinda continuasse aonde estava, tratada como inútil, como um «farrapo»?... Não estaria a pôr a mesa, a limpar e a dar voltinhas necessárias. Embora seja o que é, acho que não se apercebem do seu mal ao vê-la aqui... Já nem parece



José Ferreira e Teresa casaram em nossa Capela de Paço de Sousa.

a mesma! E, como esta, outros, com outras histórias e males vão-se ocupando para demonstrar o que muitos que aqui não estão deveriam ser — se fossem ocupados condignamente. Poderiam todos dar lições válidas, aos seus de corpo. Se esta ideia não fosse válida muitos dos nossos Doentes do Calvário causaríamos muita pena. Seriam uns «coitadinhos»... Não se

interessariam pela vida. Não exclamariam ao verem acumular-se bolotas e folhas: «Temos que limpar. Pois isto não está bem assim!» E mais...

Não nos alongamos para não cairmos na tentação de falar em alguns que não se querem aperceber da cura dos seus males procurando ocupação; que também os há, vítimas da fraqueza do próprio homem — da nossa fraqueza.

O motivo de vos falar em ocupação fundamenta-se na quase nula disponibilidade de braços e corações são que se nota!... Os Doentes, aqui, são nossos companheiros. Sentem-se mais gente e até com melhor ânimo. Porquê? Porque ocupam melhor os tempos que têm para viver! Doentes mas não «doentes». Muitas vezes, tenho-os ouvido dizer que quando é dia de descanso sentem-se mais aborrecidos. E se fossem todos os dias de «descanso»? Temos a convicção de que muitos — sem ocupação — já teriam falecido há vários anos...

Manuel Simões

BENGUELA

VENDA DO JORNAL — Caros leitores: encontro-me a escrever pela primeira vez para o Jornal «O Gaiato», um Jornal que é muito nosso; por isso, temos todos os poderes para escrever para ele. Apesar de não sermos profissionais da letra temos direito de escrever, bem ou mal.

Sendo esta a primeira vez que escrevo queria focar um único assunto. O da venda do Jornal em Benguela.

Semanas atrás em conversa com alguns vendedores, sobre a nossa venda do jornal, eles disseram-me que em Benguela há senhores que quando vão oferecer o Jornal pegam em cinza de cigarro e deitam para cima dos jornais! Agora pergunto eu: estes senhores merecem a consideração que têm? Quanto a mim acho que não. Se fossem pessoas delicadas não procediam desta maneira. Acho que os miúdos andam a vender o Jornal não para serem maltratados, mas para serem respeitados. Muitos pensam que esta Obra é do Estado e por isso começam a fazer das suas. Quem pensa desta maneira está muito errado. Esta Obra é independente do Estado e metade do nosso dinheiro sai da venda do Jornal. Quem quiser comprar, compra; quem não quiser não compra; nós não obrigamos ninguém.

Quanto à comparação da venda do nosso Jornal e asinantes entre Benguela e Lobito, também temos muito que se lhe diga.

O Lobito, quanto a isto, tem ocupado sempre um lugar cimeiro em relação a Benguela. Embora sejam as duas cidades muito nossas.

Será que não valerá a pena vendermos o Jornal em Benguela? Sempre vale a pena quando a alma não é pequena. E como nós temos uma alma muito grande, sempre vos queremos dar qualquer coisa se comprarem o nosso Jornal.

Victor Aleixo

LAR DE COIMBRA

NOVO ANO ESCOLAR — Começou mais um ano de vida. A nossa vida é, praticamente, escolar. Somos dezassete e todos somos estudantes. Só estão dois empregados e frequentam a Escola Técnica da noite. Estamos matriculados no Ciclo, no Liceu e na Escola Técnica. Até o nosso cozinheiro é estudante. Hoje, quem não lê... chapéu; quem não estuda fica... burro.

Temos todas as facilidades para estudar. O Colégio Pedro Nunes tem tido sempre as portas abertas para nos receber. Os do Ciclo e os do Liceu frequentam o Colégio. Quanto devemos nós à senhora D. Julieta! O nosso Lar também nos proporciona muito bom ambiente: vida de família, salas de estudo, paisagem, silêncio, recolhimento, situação. Estamos no coração da cidade. Há alguns Autores e Casas Editoras que nos oferecem os livros.

Queremos estudar não só para tirarmos um curso e termos um diploma; mas para termos um instrumento de trabalho e sermos úteis a nós e aos outros. Hoje, o estudo não pode ser um privilégio de meninos ricos, mas tem de ser de todos, conforme a capacidade de cada um.

Começámos o ano com vontade. Temos de ser fiéis ao nosso ideal. Pedimos a Deus que nos ajude.

MELHORAMENTO — O nosso Lar foi enriquecido com novo acesso. A rua foi calcetada. Os rapazes até lhe chamam a «nossa avenida». Custou quinze contos, mas valeu a pena. Temos tido muitos visitantes, mas há Amigos que não têm vindo a nossa Casa por a estrada estar muito má e os carros se estragarem.

Agora, com a nova rua, ninguém já tem desculpa por causa do acesso. Todos devem vir a nossa Casa e trazer as suas ofertas, pois já sabemos que vivemos do amor que nos dão.

Também quero informar os Amigos de que o nosso Lar está ligado à nossa Casa de Miranda do Corvo. Somos a mesma família e temos a mesma bolsa. Cá vos esperamos.

Um do grupo

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

POBRES — Estivemos, hoje, com o Doente a quem aumentámos o auxílio, substancialmente. E a quem estamos a acudir — conforme as necessidades — de mãos dadas com os nossos leitores.

Regressava do médico, onde fora pela mão amiga do vicentino. Ia à farmácia, por mor dos remédios, logo aviados.

Falámos. Curtimos dores. — Eu não queria que estivessem a sacrificar-se demais por minha causa — afirma pausadamente. E acrescenta: — Quando a gente não tem, cinge-se; arremediamos-nos.

É uma terrível acusação, a delicadeza



RETALHOS DE VIDA

O «Toni Pequeno»

Caros leitores: Vou descrever por onde passou a minha vida. Sou natural do Dombre Grande, onde nasci a 18 de Junho de 1962. Vivi lá durante dois anos. Depois o meu pai resolveu mudar para Lobito, e lá estivemos três anos.

A minha mãe ficou no Dombre Grande. Ela queria que eu ficasse com ela, mas o meu pai tinha medo que eu mais tarde viesse a ser um desgraçado. Como eu era pequeno, ouvi eles a discutirem e falando no meu nome. Mas eu já tinha aquele pensamento de que mais tarde gostaria de contar a pobre vida que passei.

Assim, fui com o meu pai. Da minha mãe já não oigo falar e nem sei onde pára. Só sei dizer que sou um rapaz feliz. Como o meu pai não tinha possibilidades de me ter com ele, resolveu mandar-me para a Casa do Gaiato, onde estou há 6 anos.

Quando cheguei, comecei a trabalhar na enxada. E comecei a frequentar a Escola Primária, na parte de tarde. De manhã, fazia limpeza na casa-mãe.

Hoje, tenho 11 anos. E ando no 1.º ano do Ciclo Preparatório. Mais tarde estudarei para ser padre.

Estou chegando ao fim da minha história. Neste momento sinto-me feliz ao escrevê-la. Eu nunca tive uma vida melhor do que esta. Desde que entrei na Casa do Gaiato tenho conhecido e aprendido muita coisa boa.

Por hoje nada mais. Envio o meu adeus.

TONI

Gaiato

heróica deste Pobre, Sim; quem lhe poderia atirar pedras, se tivesse outro proceder? A própria Igreja — pelo sucessor de Pedro — adverte que todo o homem tem direito ao suficiente para viver.

— Sabe? — e leva a mão ao bolso — o médico diz que preciso de tirar uma *chapa*.

Mostra a receita. No verso, lá está: «Necessita de um exame RX gástrico». Encaminhámo-lo, imediatamente, para o hospital.

Entretanto, falou da mulher e da filha adoptiva. No pensamento, adivinhámos-lhe a possibilidade do internamente hospitalar... Então, com voz dolorosa, remata: — É pena!, é pena ter mandado a papelada, ter dado voltas e nada; não recebi *penção*, nem resposta!

DONATIVOS — Este caso já motivou alguns leitores. Não uma *torrente*, mas uma pequenina *procição* de cireneus — decididos. Graças a Deus!

Na frente, vai um Alentejano, com uma «pequena ajuda; minúscula gota no caudal que necessitais». Como vê — prezado Amigo — se a lei previse um caso destes, o nosso homem teria alguma coisa. O problema resolvido — não...

Aliás — é natural — quando se tenta bulir em velhíssimas carências, fechada uma parte do *búracio*, surge logo outró ou outros, talvez mais profundos. Daí, termos de *chorar com os que choram* — diria Pai Américo — para que seja feita justiça aos camponeses inválidos, com menos de 70 anos, fora do âmbito das Casas do Povo, por omissões que os transcendem.

Segue a presença amiga de um Vicentino:

«Li no «Gaiato» de 13 do Outubro que a vossa Conferência tem dificuldade em proteger esse trabalhador rural, de 67 anos, inválido e com família.

Como vicentino também, sinto que vos devo ajudar.

Para o efeito vai um cheque de 2.000\$00 sobre o B. P. A., que julgo facilmente poderão mandar receber.

O espírito é tudo. Deus vos ajude.»

Agora, mais um donativo de «Uma Amiga» de Tortozendo:

«...É uma gota de água para ajudar o senhor de 67 anos. Que muitas gotas de água venham juntar-se a esta para que não tenha o desgosto de vender a casinha.

Por mim peço a Deus me conserve até ao fim um tecto para viver...»

Do Porto, chega «uma migalha para aquele trabalhador rural, de 67 anos, inválido, sem benefícios e que não pode comer de tudo...». O Porto nunca falta!

S Pedro do Sul, 50\$00. Mais 250\$ de Maria Emília (do Porto?). Mais 100\$00 de Alvide (Cascais). Outra vez Porto: 80\$00 de A. F.; «perdoem-me o atrazo». Delicadeza cristã!

«Para os meus irmãos da Conferência vai o habitual (600\$) com a fraternidade da Assinante do Seixal».

Deus lhe pague!

De «Uma Amiga Pobre», de Lisboa, 150\$00: «Deus é grande e há-de acrescentar por outro lado».

Mais 350\$00 de Maria Leopoldina. Alda de Lisboa, com 100\$00. E, finalmente, o dobro de uma leitona do Porto.

Júlio Mendes

TOJAL

APICULTURA — Numa das últimas edições, sob este mesmo título, falava da nossa apicultura e pedia a colaboração dos nossos Amigos, para o seu melhoramento.

Ainda não tinha passado uma semana, e chegou até nós uma cartadum apicultor, embora, segundo ele, «em via muito reduzida».

Este senhor que por várias vezes se tem manifestado a pedidos feitos nesta coluna, sem se deixar ficar por aí, mereceu-me uma atenção especial. Diz para fazermos a mudança de cena necessária e comunicar-lhe, depois, a importância dispendida, que no-la enviaria.

TROPAS — Após o cumprimento das suas missões, regressaram à Metrópole: o Páscoa, o Xico Zé e o Victor.

Presentemente só o Belmiro se encontra por terras de África. No continente, entrou para a recruta o Armando «Buchechas».

Felicidades para ambos são os nossos votos.

OFICINAS — A Tipografia está em pleno funcionamento. Apesar de algumas carências, continua a executar todos os trabalhos que lhe são encomendados.

A Carpintaria nova está ansiosa por ser equipada com todas as máquinas necessárias para um maior rendimento e melhor instrução dos seus aprendizes, o que parece estar para breve.

A Serralharia, enquanto aguarda mudança, vai-se ocupando com as obras em curso.

As restantes oficinas continuam dentro do costume.

OBRAS — Já teve início a construção do Parque Infantil. Entre os seus edificadores, conta-se um grande número de pequenos, que pelo facto de ser Parque Infantil lhes provoca uma maior azáfama.

As camaratas novas estão quase prontas.

Jorge

Tive dúvidas sobre a oportunidade de apresentar aos leitores de «O Gaiato» o tema de hoje. Escrever por escrever é muito pouco; a habilidade é nenhuma, e o tempo livre para fazer as crónicas é cada vez mais escasso.

Pai Américo mandava-nos escrever como quem reza e estou certo que muitos têm «O Gaiato» como livro de orações. As notícias aqui dadas são sempre pedaços de vidas, que segundo o Mandamento Novo, nos devem interessar a todos. Uma carta, um alvítre, um encorajamento, uma prece, um donativo, podem ser — e são quase sempre — respostas de almas que o Senhor vê e recompensa a Seu tempo. E todo este movimento, é caminho de paz e bem-estar espiritual.

Para os lados de Resende, em S. João de Fontoura, há um lugar chamado Quinta do Bairro, onde existe uma capela com terrenos anexos de relativa extensão e produtividade e um conjunto de moradias que formam um todo conhecido por Casa de S. José.

Durante várias gerações ali se educaram crianças e receberam pessoas adultas. Umavez servia de colégio e outras de casa de recolhimento. Muitos iam para ali por conveniência da família, e a maior parte por não a ter. A Casa de S. José era considerada como lugar de formação e cultura (a seu jeito), e onde se acudia a muitas preocupações familiares.

Os anos rolaram e as pessoas totalmente dadas ao serviço dos outros foram desaparecendo. Chamaram-me para ir visitar a Casa de S. Domingos e contaram a história do passado e o que é actualmente. A capela ainda se conserva em bom estado, mas as casas precisam de grandes reparações e obras de adaptação. Presentemente vivem lá duas senhoras de certa idade, três raparigas e duas

Lar Operário de Lamego

crianças. Quando as visitei, manifestaram a mágoa de ver desaparecer uma obra que espalhou tanto bem na parte alta daquela região onde ainda não existe estrada e onde à volta vivem vários povos. Ficaram-me ali os olhos e o coração. É lugar aprazível, de horizontes lindíssimos e duma tranquillidade sem par. O maior «senão» é ficar desviado da estrada e ser preciso andar meia hora bem puxada e por maus caminhos para lá chegar. Informaram que está o projecto da estrada concluído e que a sua execução será em breve uma realidade. No mês de Setembro fomos quatro vezes à Casa de S. José e já voltámos em Outubro. Vale a pena aquela caminhada, para depois sentir o prazer do panorama deslumbrante e saborear o silêncio das alturas.

Acabam agora de pôr tudo o que existe na Casa de S. José

à disposição do Lar de S. Domingos (Lar Operário) com o pedido de fazer alguma coisa para que «aquela obra continue». Que atitude devemos tomar?...

Por um lado temos diante de nós as reparações de vultó que é preciso fazer, conseguir pessoal para tomar conta, comprar camas, roupa, mobiliários etc., e tudo isto nos faz hesitar. Por outro lado, a Casa de S. José dá-nos a oportunidade de alargar o campo de acção em favor dos que precisamos.

Para já vamos começar no dia 29 de Outubro corrente com um Curso de Formação Familiar e Economia Doméstica, beneficiando raparigas e senhoras daquela zona. Depois daremos conta do que se for passando. Entretanto, pedimos aos leitores uma opinião.

Padre Duarte

AQUI, LISBOA!

Cont. da PRIMEIRA página

res exigências de consideração pelas suas esposas, filhos e familiares, além dum porte impecável por parte delas; por outra, o desprezo absoluto pelas mulheres e filhos dos outros. Ora, nunca deixará de ser grande máxima humana aquela que nos manda desejar para os outros aquilo que pretendemos para nós, se é que não houvesse mais valores em equação.

Os espectáculos que se nos deparam e as palavras que se ouvem em certos locais e em determinadas ocasiões, bem nos lembram aquilo que se observa com os animais na via pública ou por cima dos telhados em meses de luar... É o instinto animalesco à solta, de que nem só o sexo masculino é o culpado. A perda de pudor, o descaramento, tudo aquilo que de mais baixo se pode supor, é bem patente aos olhos abertos de quem passa. Depois, entre outras soluções, os abortos ou as Casas do Gaiato.

Desejariamos Mulheres fortes, à maneira do Evangelho, cujo «valor é maior que tudo o que vem de longe e dos últimos confins da Terra». Mulheres que não tivessem vergonha de ser Mulheres, como vem sucedendo em largos sectores, por obscurecimento da razão ou à base de pseudo-libertação de supostas alienações. Como já aqui dissemos uma vez, nunca a Mulher é tão Mulher, para lá de ch a m a m e n t o s particulares, quando se torna Mãe de seus filhos. Esposa digna e Mãe es-

tremosa são títulos jamais excedidos por quaisquer outros, embora legítimos e justificáveis. É que, como diz o livro da Sabedoria, «a graça é enganadora, e a formosura é vã; a Mulher que teme ao Senhor, essa é a que será louvada. Dai-lhe do fruto das suas mãos; e louvem-na as suas obras à porta da cidade». Tudo o mais é que é alienação e escravatura.

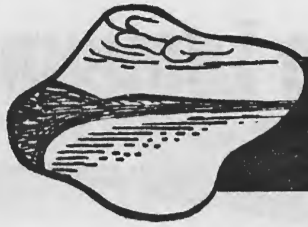
Ao findar estas notas soltas, sugeridas pelas nossas preocupações de responsáveis, veionos à mente Alguém, da numerosa família da Obra, a quem muito amou, e que duma maneira concreta testemunhou o que é ser-se Mulher. Esposa estremosa, Mãe devota e Avó dedicadíssima. «Considerou as veredas da sua casa e não comeu o pão ocioso»; «aplicou a sua mão a coisas fortes, e os seus dedos pegaram o fuso»; «abriu a sua mão para o Necessitado e estendeu o seu braço para o Pobre». Nunca a vimos desocupada, nem quando doente. Preocupada sempre com o bem-estar dos seus familiares e dos Pobres, Doentes e sem abrigo. Discreta na sua acção e com um poder ímpar de pôr as outras pessoas a trabalhar; sempre respeitada e respeitadora. Teria defeitos; mas quem os não terá? Nunca a vimos, porém, diminuída por ser Mulher ou com complexo de alienação de qualquer tipo. Um exemplo que se propõe e uma homenagem, embora humilde, que se presta.

Padre Luiz

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Flores no meio de flores. Eis o Pedro e o Paulo, saídos à nossa Casa do Tojal no «tobolaz» da vida.



SETUBAL

IGREJA NA RUA

É um sintoma palpável dos nossos dias que a vida é cada vez mais larga e cativante. A cada passo são novos horizontes que surgem. Quase já não há limites nem barreiras. Tudo se apresenta já resolvido e resolver uma vida é, pois, coisa fácil. Pensa-se e supõe-se isto. Mas cuidado!..., que o homem elevou-se muito com esta evolução em acelerado. E esqueceu, porém, que quanto mais alto se sobe, maior será o tranbalo — se não houver um equilíbrio eficaz na subida...

O Rapaz das nossas Casas, como não podia deixar de ser, vai atrás deste mito cativante. Quando entra na idade de transição de criança para adulto, desde logo atenta na vida e no seu lugar dentro dela. Mas vê tudo cor de rosa e muito fácil. Entre o «ver» e o «decidir-se» é um tempo. E as decisões que duma tal atitude nascem são quase sempre apressadas, catastróficas. Depois, aparecem, aqui e ali, certos rostos familiares, alguns amigos, vozes que o incitam à vida «lá de fora», e o Rapaz vai-se mesmo embora. É o primeiro grito para a independência. As vozes «de dentro» chamam-no à crueza das realidades e, por isso, são duras. Por este impacto das vozes que o retêm e das que o afastam, o Rapaz fica à deriva e quase sempre vai pela porta que o leva ao mais fácil e onde se erguem os tais cantares de «sereias». Arrastado por um sem número de ilusões, ele prefere também não ter que ouvir as vozes duras que lhe matam essas mesmas ilusões. E, inelutavelmente, toma o caminho da «fuga», deixando a Casa-mãe onde viveu a meninice, onde se instruiu e se educou, sem dar satisfações a quem foi cioso da sua vida até então.

«Fugir» duma Casa do Gaiato é uma coisa que sempre aconteceu desde que a Obra é Obra. Nos livros de Pai Américo e nas várias edições de «O Gaiato» dá-se existência de inúmeros casos do Rapaz que vai e do que volta. Não é coisa nova, de agora, esta história das «fugas». A Casa do Gaiato é uma «porta aberta». Não há muros nem portões. Nela se entra e sai facilmente. É de assinalar, sim, o contraste entre as «fugas» desse tempo e as de agora. Eram pequenos que iam à procura das famílias para matar saudades; outros que iam pelo chamamento contínuo dos familiares; ou outros ainda que, por rebeldia ou por temperamento, não se adaptavam.

Uma grande percentagem das fugas actuais ainda se deve

a isto. Mas que havemos de dizer de Rapazes prestes a ingressarem na tropa — já inspeccionados — ou até mesmo dos próprios Chefes que deixam os seus lugares, de responsabilidade? Alguma coisa estará mal, certamente, neste pouco apego à Casa onde foram criados e educados. Será um sinal de «facilidade» da vida? Talvez... Será devido à grande procura de braços para trabalhar e de boa renumeração? Com certeza... Será também por uma ânsia incontida de liberdade para poderem fazer o que vêem a tantos jovens por esse mundo? Certamente... Mas não teremos nós também uma pequenina parcela de culpas por termos descurado uma educação de base, a eles fornecida e fomentada num maior apego

e num maior amor à Obra? Não seremos nós culpados por termos passado por cima duma preparação pedagógica e psicológica infantis, preocupados que estamos por uma instrução e educação valorizantes do próprio Rapaz?

Há que tomar em conta uma aproximação mais intensiva destes pequenitos que Deus nos deu. Quando hoje tentamos resolver os problemas dos Rapazes dos 12 anos aos 16 anos, é tarde. Faltou-lhes a tal preparação que lhes havia de ter sido dada quando pequenos. Mas erguemos a voz e apontamos a dedo também: — «Onde estão as vocações para este trabalho?!»

Rogério

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

o que já sabia: que todo o homem, por muito rico de talentos, é sempre limitado, é sempre incapaz de, só por si, realizar a totalidade de uma obra autenticamente válida, desde a fase criativa ao último pormenor da realização. Apreende melhor a inter-dependência essencial à condição humana neste mundo. Reduz-se à sua verdadeira dimensão. Faz-se humilde.

Claro que não compete apenas ao homem mais rico em valores do espírito crescer em Humildade o que parece descer no seu prestígio humano. O dever daquele essencial crescimento, indispensável ao fecho harmonioso de qualquer obra humana, pertence também ao executor. Não seja, agora, este, tentado por um ocasional motivo «de oferta e de procura», a subverter a natural hierarquia dos valores e a ignorar que a sua própria valorização a deve à exigência das técnicas que a inteligência do homem faz progredir! Para mal de todos, quando falta a Humildade, a incipiência gera frequentemente a doutorisse, a jactância, a consciência errónea de uma supervalorização própria.

Todo este discorrer me surgiu do repensar do tema sugerido pelo Pe. Telmo e também de um recorte que o Júlio me enviou, sobre «as vindimas e a falta de mão-de-obra». Quem diz vindimas, diz apanha da azeitona...; pode dizer, em geral, de qualquer operação agrícola...; pode dizer também de muitos trabalhos domésticos.

Pois não vamos contra a natureza das coisas, deixar morrer os frutos da terra, de que nós precisamos; ou abandonar à decadência a ordem que nos proporcionará o bem-estar. Há que assumirmos a responsabilidade destas pequenas coisas, aqueles que nos ocupamos de outras habitualmente consideradas mais importantes. Assumil-as em seriedade, não com superficialidade folclórica; na consciência de quem respeita e salvaguarda um património que a todos pertence e a todos é necessário.

Aceitemos, pois, nas dificuldades que o nosso tempo nos oferece, as grandes virtualidades para uma conversão nossa a um maior respeito, a um maior amor ao trabalho, a todos os trabalhos para bem do Homem. E transitemos por ele para um Mundo melhor.

«Que o assunto da nossa breve conversa deste fim de semana seja a miséria. Tema de interesse. Pelo menos assim o julgo. Quem dera que não fosse... Estaria o mundo bem melhor! Com os pés bem assentes na rua, encarem-se alguns exemplos do dia a dia.

Consideremos uma família que, orientando convenientemente as suas disponibilidades económicas chega, mesmo assim, ao fim do mês sem o suficiente para pagar a renda da casa ao senhorio. Estamos perante uma família onde reina a miséria.

Pensemos agora naqueles que, mesmo comprando o indispensável para se vestirem, não têm o bastante para substituir a roupa demasiado pontuada. A miséria aqui não suscita também controvérsia ou contestação possível.

Finalmente há aqueles que jogando com verbas mínimas para uma alimentação racional equilibrada não possuem todavia os legítimos recursos suficientes para que o alimento lhes não falte. A miséria, neste caso, é de igual modo flagrante.

Mais exemplos? Para quê...?

Daqui se poderá deduzir que miserável, no conceito cristão, é todo aquele que não possui o mínimo legítimo e indispensável às necessidades — mínimas também — do dia a dia.

Apresso-me a chamar a atenção de todos para o facto de, perante a miséria, a Igreja não usar a «linguagem» dos políticos. (Se a usasse de espantar seria...). Estes encaram o problema em moldes de retórica habilmente alinhavada, em tons filosóficos complicados (que nem sempre os filósofos entendem!) que encobrem as realidades palpáveis, com conceitos — tantas vezes «indecifráveis» até aos grandes génios! — que desvirtuam as causas, numa linha — nem sempre com muita «linha»! — que chega a ter como finalidade a defesa desesperada das suas conveniências pessoais.

Por isso mesmo não lhes convém..., não lhes agrada..., contestam..., criticam..., repudiam..., enxovalham..., confundem..., deturpam..., baralham... a «linguagem» da Igreja. Esta tem, perante a miséria, uma única arma de combate: A caridade! E que a ninguém

restem dúvidas de que é a única arma eficaz, válida, a usar perante o gravíssimo e mais do que actual problema da miséria, autêntica nódoa social que constitui a negação plena e total dos mais basilares princípios do cristianismo.

Miséria e cristianismo não podem ter o mais pequeno ponto de contacto, constituem autênticos extremos, colocam-se em posições diametralmente opostas.

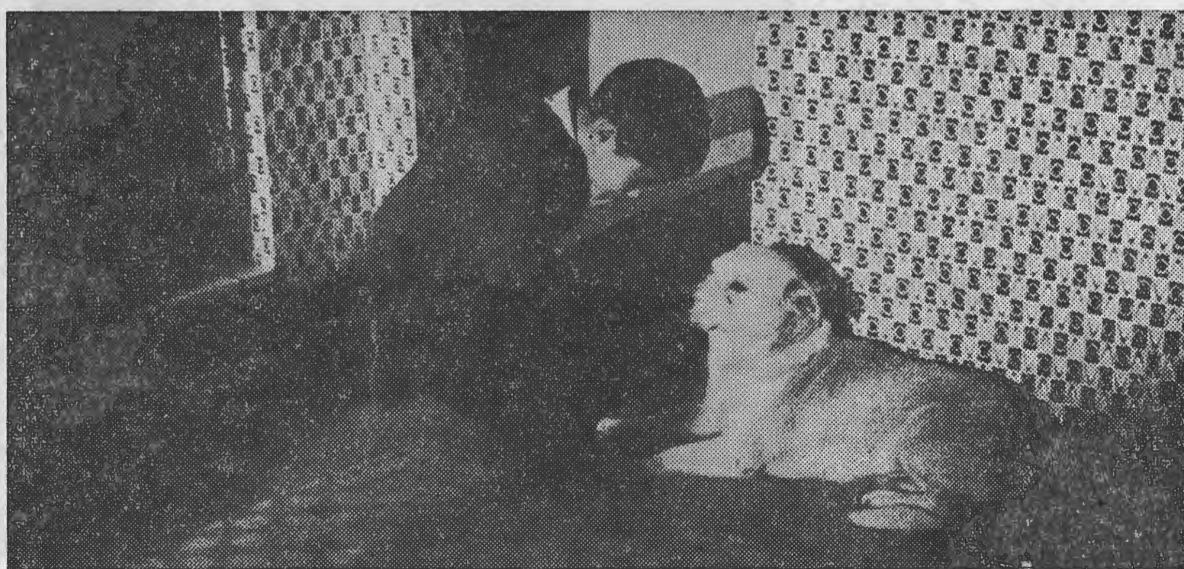
Mesmo assim ainda há por aí muita gente — talvez melhor, muito «boa» (?) gente — que tem o arrojo, o descaramento, a arrogância e a falta de vergonha de aquilatar o cristianismo de uma nação pelo número de cardeais, de bispos, de padres, de religiosos, de dioceses, de paróquias, de seminários, de conventos, de catedrais, de basilicas, de capelas, de irmandades, de procissões, de retiros, de missas, de baptimos, de funerais religiosos, de festas a santos, de comunhões solenes, de confrarias, de sermões, de promessas, de peditórios públicos exclusivos da alta roda social.

Cristianismo autêntico é muitíssimo mais do que tudo isto junto! (Que se não escandalize a tal muito «boa» (?) gente, pois ouvi-o recentemente numa riquíssima homilia numa Sé Catedral).

O cristianismo de um povo apenas se pode ajuizar pelo grau de miséria desse mesmo povo e por mais coisa alguma. Um povo onde impere e reine a miséria nunca poderá ser um povo verdadeiramente cristão. Poderá, quando muito, simular um cristianismo de fachada, fictício, mentiroso, hábil, sem interesse, condenável, prejudicial até, que só convence e consegue iludir o ignorante, o ingénuo, o desatento, o atraçado, o desprevenido.

Que nisto se medite... Vai sendo tempo!»

(In «Correio do Vouga»)



«Piloto» — o «senhor» da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

